



2

Economia no dia a dia

I Curso Planejamento e Educação Financeira

Uma parceria Órama e Dinheirama.

2

Economia no dia a dia



Alvaro Bandeira

Economista-chefe da Órama,
mais de 40 anos de mercado,
diversas premiações.



Sandra Blanco

Consultora de Investimentos
da Órama, mais de 20 anos de
mercado, autora de diversos livros.

1.	Impacto da Economia nos Mercados de Risco	4
2.	As Influências da Economia no Bolso do Investidor	7
2.1	Inflação	10
2.2	Valorização de Moeda	12
2.3	Bolhas	12
3.	Como Atrair Novos Recursos para Investimentos	14
4.	Por que o Brasil tem Performance Pior que Outros Mercados	16


1.

Impacto da Economia nos Mercados de Risco

Os mercados organizados de risco no mundo possuem a virtude de serem considerados como “vitrines” das economias.

Com a globalização a influência é até maior, já que dados divulgados do outro lado do mundo têm capacidade de influenciar mercados por aqui.

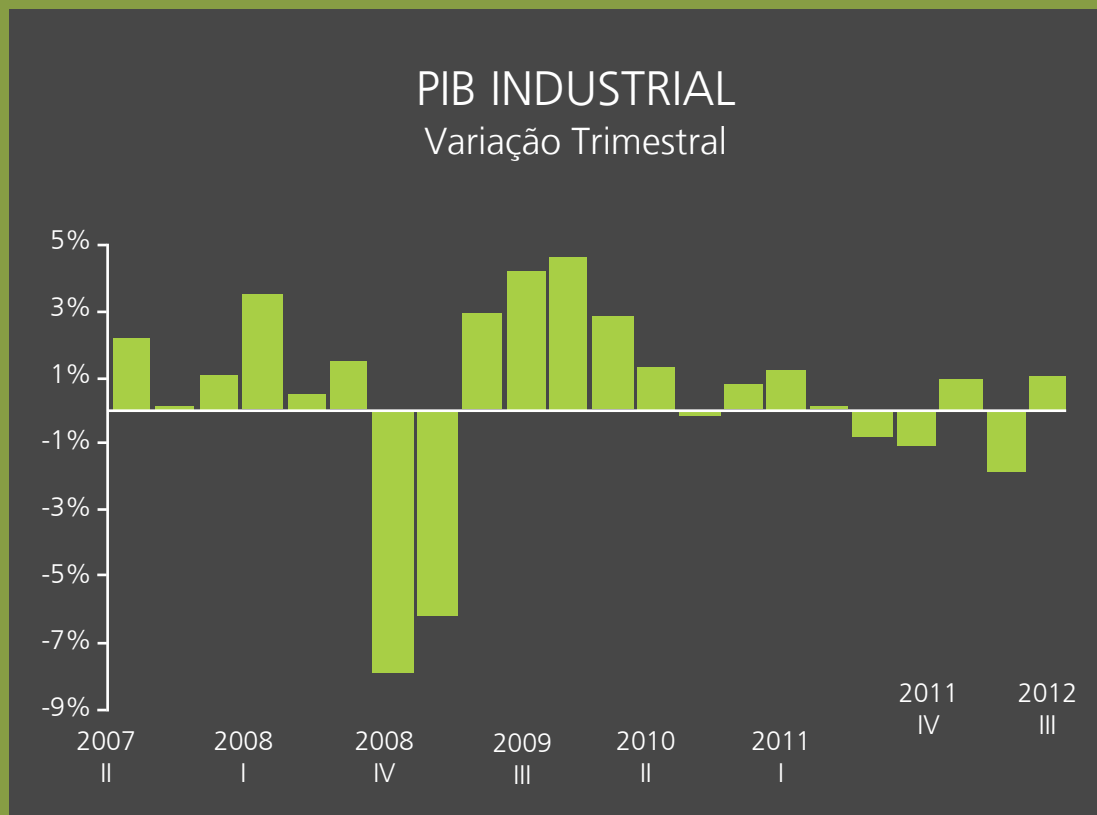
Basta exemplificar com a China (segunda maior economia do planeta), que costuma divulgar bateria de indicadores mensais com antecipação em relação a outros países, afetando os mercados de ativos, notadamente commodities básicas.



O sistema financeiro brasileiro passou razoavelmente intacto aos problemas de instituições financeiras no exterior, muito em função de sermos ainda uma economia regulada e fechada, mas não deixou de sentir os reflexos da desaceleração global, mesmo considerando medidas adotadas para diminuir os efeitos econômicos.

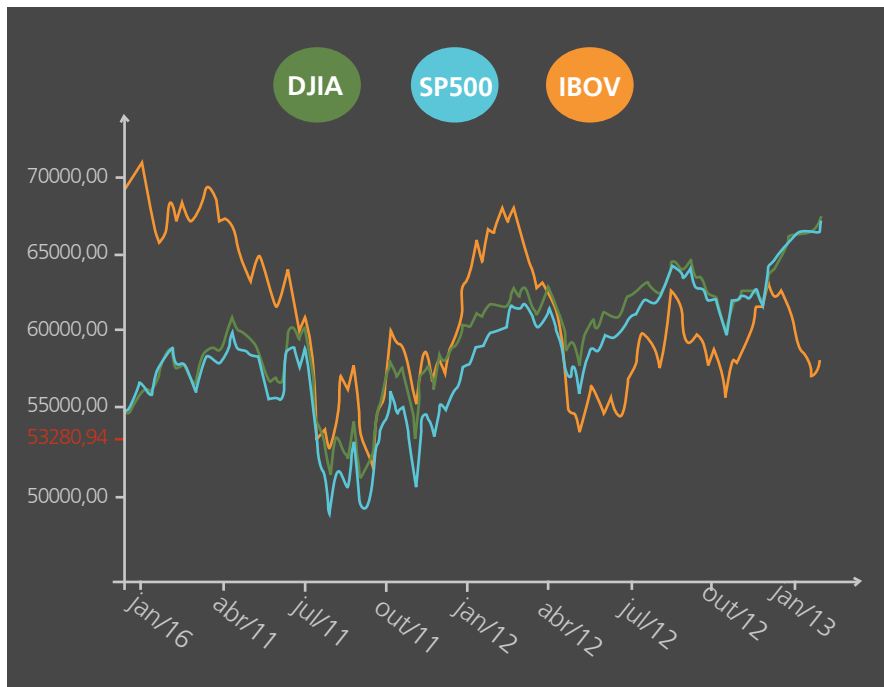
O aprofundamento da segunda onda de crise, agora de endividamento dos países (depois do subprime original de 2008), ocasionou o fraco crescimento de 2011 de 2,7% e o ainda pior PIB de 2012, de somente 0,9%.

Como fatores adicionais, o baixo crescimento da produção industrial de 2011 em 0,3% e a redução de 2,7% em 2012.



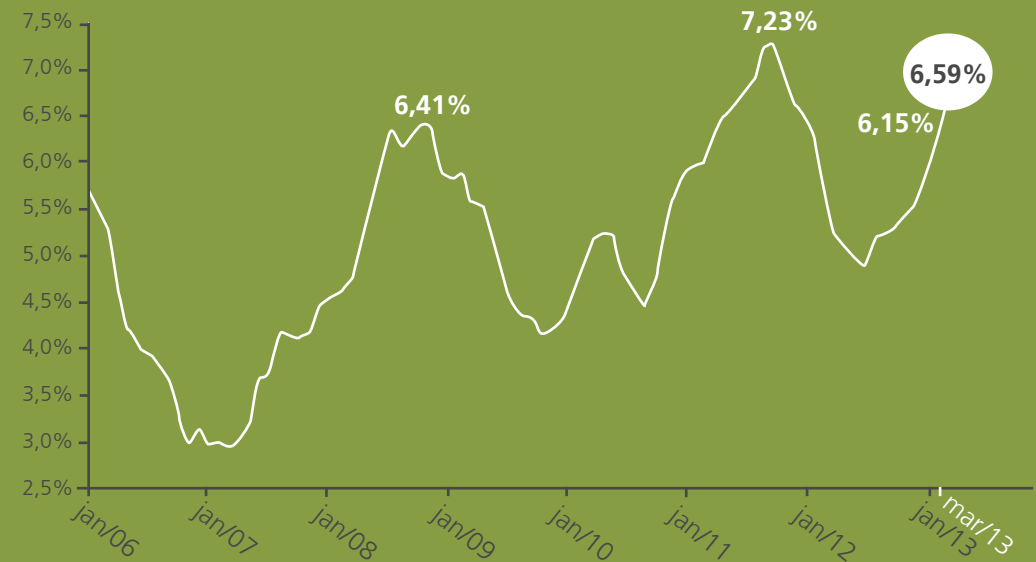
Além disso, tivemos redução de 4% na formação bruta de capital fixo em 2012 e a taxa de investimento sobre o PIB caindo de 19,5% em 2010 para 18,1% em 2012, quando o país já deveria estar tentando taxa ao redor de 25%, já que isso significa a preparação do crescimento futuro.

Transplantado para os mercados, a Bovespa registrou alta de somente 7,4% no ano de 2012 e a pior performance no primeiro trimestre de 2013 desde 1995. Também fomos a pior performance trimestral entre todas as bolsas mais representativas do mundo, mostrando forte descolamento, já que mercados de economias problemáticas, como a americana, tiveram até recuperação em função de indicadores mais suaves ou progressão de melhora.



No Brasil, ao contrário e seguindo esse caráter de “vitrine” da economia, tivemos muitas mudanças em marcos regulatórios importantes (petróleo, mineração e energia, por exemplo), desonerações pontuais e não de espectro mais geral, inflação estourando o teto da meta oficial, política cambial errática e baixa competitividade nas empresas.

IPCA 12M
Jan 06 - Mar 13



Também tivemos fraca performance internacional, com saldo comercial negativo no primeiro trimestre de US\$ 2,1 bilhões, fluxo cambial negativo (mesmo considerando a flexibilização monetária mundial) e fraco crescimento da produção industrial e vendas no varejo. Aliás, os estímulos concedidos ao consumo tiveram efeito limitado e cadente ao longo dos meses por conta do elevado nível de endividamento das famílias e aumento da inadimplência.

2. As Influências da Economia no Bolso do Investidor

Os movimentos das variáveis econômicas impactam o bolso do consumidor.

O impacto afetará o consumo de bens e serviços no futuro, assim como o endividamento e a inadimplência.

A primeira variável que o investidor deve acompanhar para certificar-se que seus investimentos estão no caminho certo é o PIB (Produto Interno Bruto), que é a soma do valor de todos os bens e serviços por um país num determinado período. Este número indica se a economia está crescendo, estagnada ou em recessão.

PIB crescente = POSITIVO para o bolso do investidor

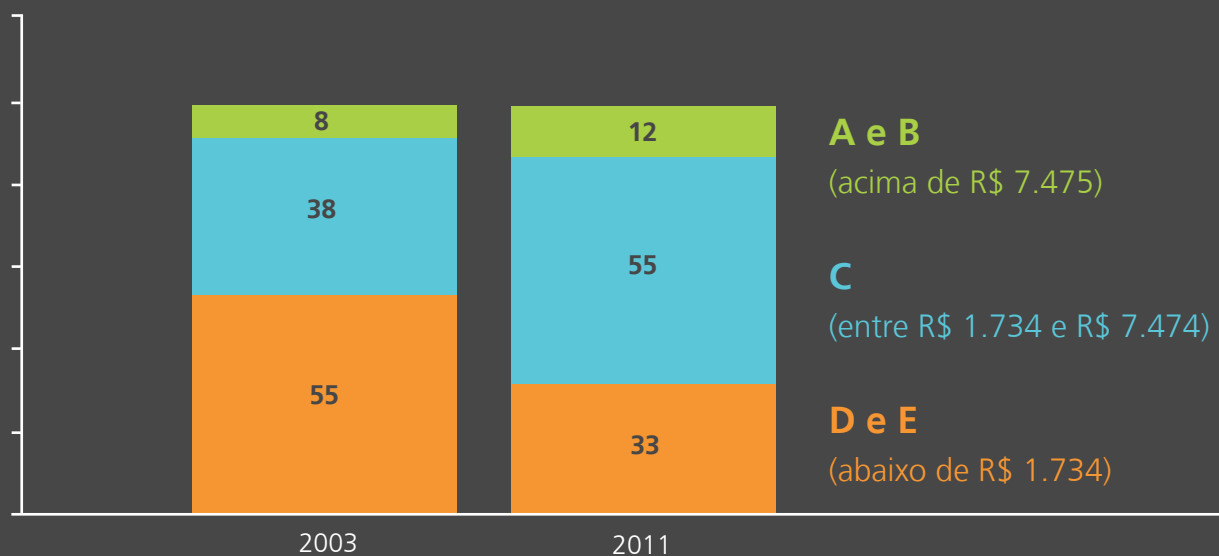
PAÍS OU REGIÃO	REALIZADO		PROJEÇÕES	
	2011	2012	2013	2014
Crescimento Global	4,0	3,2	3,3	4,0
EUA	1,8	2,2	1,9	3,0
Zona do Euro	1,4	-0,6	-0,3	1,1
Alemanha	3,1	0,9	0,6	1,5
França	1,7	0,0	0,0	0,9
Itália	0,4	-2,4	-1,5	0,5
Espanha	0,4	-1,4	-1,6	0,7
Japão	-0,6	2,0	1,6	1,4
Reino Unido	0,9	0,2	0,7	1,5
Canadá	2,6	1,8	1,5	2,4
Rússia	4,3	3,4	3,4	3,8
China	9,3	7,8	8,0	8,2
Índia	7,7	4,0	5,7	6,2
Brasil	2,7	0,9	3,0	4,0
México	3,9	3,9	3,4	3,4

Quando um país está crescendo fortemente - como a China, a 2ª economia do mundo, com um PIB que expande em média 8% ao ano, e até mesmo os EUA, que estão retomando o crescimento, produzindo bens e serviços para consumo interno e exportação - também cresce a força de trabalho e, por consequência, a renda e massa salarial.


Neste cenário, os trabalhadores conseguem consumir mais e ainda guardar dinheiro.

TRABALHO e RENDA = POSITIVO para o bolso do investidor

DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS por Classe de Renda Mensal



Fonte: Guide to the Markets - Brasil do J.P.Morgan Asset Management



Em economias com crescimento pujante, a confiança do empresário aumenta e os investimentos em infraestrutura, máquinas e tecnologia também aumentam.

Assim, os retornos dos investimentos de risco se tornam mais atraentes. Aumenta a demanda por commodities e seus correspondentes preços sobem.

Neste cenário, a taxa de juros pode cair e, em tendência de baixa, o investidor precisa aumentar sua disposição para correr mais risco e investir em títulos prefixados ou fundos que operam com estes títulos e seus derivativos, além de aplicar na bolsa.

Títulos prefixados ou com um componente prefixado, como as NTN-Bs, apesar de serem classificados como renda fixa, apresentam oscilação de preços.

JUROS em BAIXA = NEGATIVO para o bolso do investidor

Porém, mesmo em economias crescentes, problemas podem surgir, entre eles:

2.1 Inflação

É a alta dos preços de bens e serviços. Com inflação crescente, o poder de compra é corroído. Mudam-se os hábitos de consumo, produtos são substituídos e como uma fatia maior da renda será utilizada para pagamento de contas, alimentação e serviços, o potencial para guardar dinheiro fica reduzido.

Quem tem reservas acaba utilizando-as para manter o padrão e fechar as contas no fim do mês. O futuro se torna incerto.

A inflação impacta o bolso dos investidores porque o preço dos sonhos e projetos também aumenta.

Por isso é mandatório se preocupar com o efeito da inflação nos resultados dos investimentos.

Certifique-se que os rendimentos e ganhos de capital obtidos superem não somente a inflação oficial medida pelo IPCA, mas também a inflação de serviços, que tem sido crescente e persistente nos últimos anos e mais alta do que o teto da meta estabelecida pelo Banco Central de 6,5% ao ano.

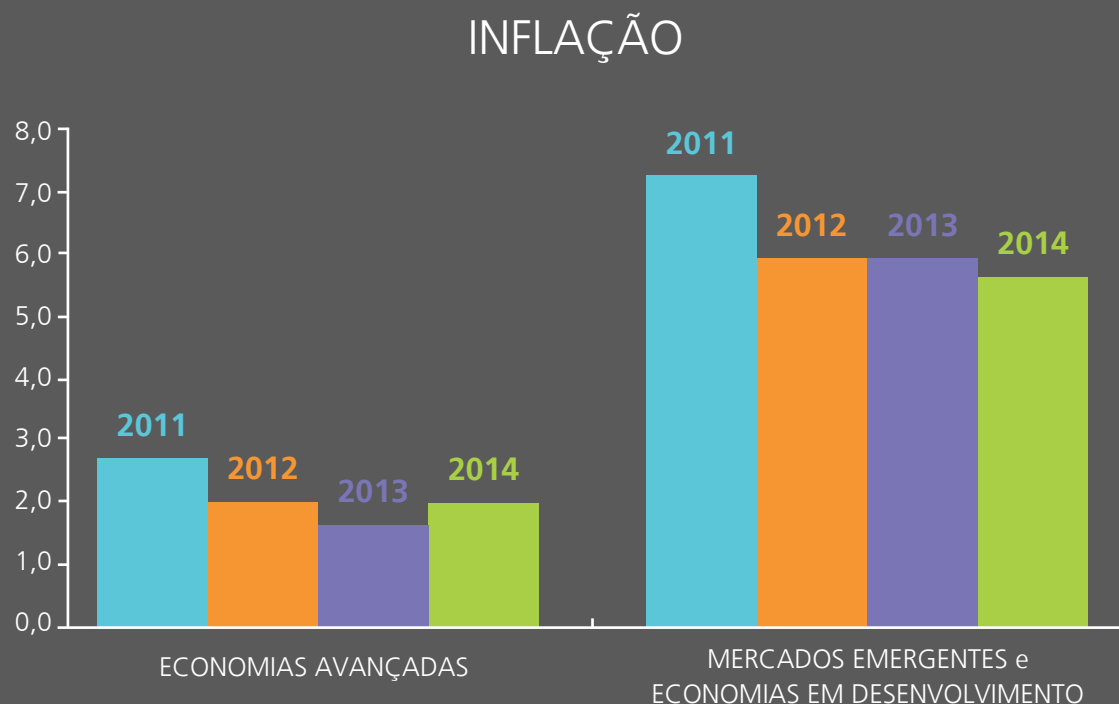
A diferença entre o retorno líquido (depois de deduzido o imposto de renda) obtido numa aplicação financeira e a inflação é o ganho real ou a valorização do patrimônio.

GANHO REAL = RENTABILIDADE - INFLAÇÃO

Quando o retorno líquido obtido se iguala à taxa de inflação, ou seja, a diferença é zero, a preservação do capital e manutenção do poder de compra foram atingidos.

O pior caso é quando se perde poder de compra. Quando o dinheiro investido que antes comprava um carro, por exemplo, agora não compra mais.

INFLAÇÃO = NEGATIVO para o investidor



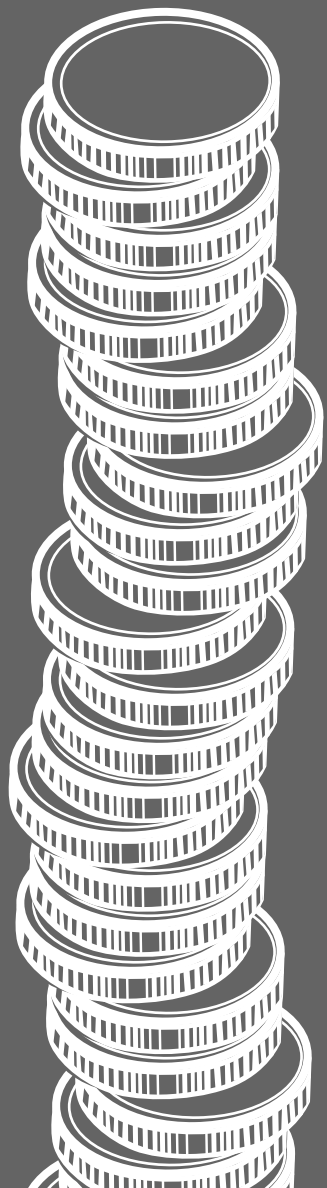
Fonte: FMI - World Economic Outlook - Abril 2013

Há no mercado alguns instrumentos que possibilitam ao investidor se proteger da inflação alta: **títulos públicos** indexados a um índice de preço, como as NTN-Bs, **títulos públicos federais**, emitidos pelo Tesouro e indexados ao IPCA, **fundos de renda fixa** e **multimercado** que negociam estes títulos e fundos de ações.

Para controlar a alta da inflação, em geral, o Banco Central eleva a taxa de juros e quando a tendência de juros é de alta, os investimentos pós-fixados são os mais indicados.

A taxa de juros real alta atrai capital estrangeiro e valoriza a moeda local.

2.2 Valorização de moeda



Para o bolso do consumidor é bom, pois pode comprar mais produtos importados, viajar mais, porém as exportações do país são prejudicadas, assim como os investimentos, dado que os produtos e serviços se tornam mais caros para os consumidores estrangeiros, causando desequilíbrio na balança comercial.

A valorização da moeda também se reflete na inflação.

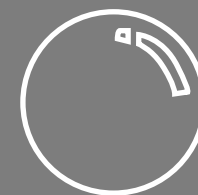
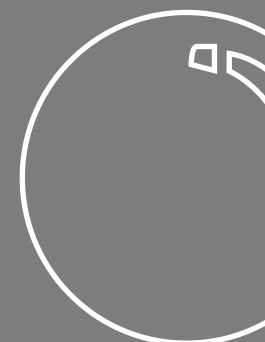
2.3 Bolhas

Como exemplo, temos a bolha do mercado imobiliário que deflagrou a crise financeira em 2007 e se alastrou por todo o mundo.

Durante muitos anos os investidores se beneficiaram das altas exageradas dos preços dos imóveis. Foi bom para seus bolsos.

Em 2001, nos EUA, ocorreu a bolha da internet. Muitos ganharam com projetos de empresas Ponto.Com.

Porém, quando a bolha estoura, o efeito é desastroso.



E o bolso do investidor em economias estagnadas, que não crescem, ou em recessão, com crescimento negativo?

Em geral, a taxa de juros nestes países são mais altas, os investidores exigem prêmios maiores para correrem mais risco. É o caso das taxas atuais na Grécia (> 10%) e em Portugal (> 6%).

PIB constante ou decrescente
=
NEGATIVO para o bolso do investidor

Nestes países, o desemprego é alto e a renda diminui. Por isso, o potencial para o trabalhador investir é pequeno.

DESEMPREGO ALTO e RENDA EM QUEDA
=
NEGATIVO para o bolso do investidor



Fonte: International Labour Organization

Impostos mais altos também impactam o bolso do investidor, reduzindo o ganho líquido.

GANHO LÍQUIDO
=
GANHO BRUTO - IMPOSTO DE RENDA

IMPOSTOS
=
NEGATIVOS para o bolso do investidor

3. Como Atrair Novos Recursos para Investimentos

Falando sobre o conjunto da economia, o governo necessita atrair recursos para investimentos em infraestrutura, notadamente externos, já que nossa formação de poupança interna é escassa para elevar o crescimento do PIB potencial do país.

Para que isso ocorra é absolutamente essencial que tenhamos **regras estáveis por longos períodos** e que **investidores sejam atraídos por perspectivas de retornos elevados ao longo do tempo**. Isso não vem ocorrendo até o momento, e os investidores locais e estrangeiros se mantêm reticentes quanto ao Brasil, destinando parte dos recursos para países emergentes com melhores taxas de expansão de suas economias e também com indicadores de inflação mais baixas.

Para suprir isso, o governo tem feito uso do Banco do Brasil, Caixa Econômica e principalmente do BNDES. Contudo, ainda que o governo propicie capitalização dessas instituições, o efeito é limitado sobre a economia.

O Brasil está com preferência cadente entre os investidores.

Temos que considerar ainda que as empresas perderam competitividade, estão com alguma capacidade ociosa e custos crescentes decorrentes de mão de obra escassa, logística cara e valorização do real.

Além disso, seriam necessárias amplas reformas fiscal e tributária de longo prazo e não somente ajustes pontuais como têm sido feitos. Por incrível que possa parecer, o Brasil ainda exporta impostos, reduzindo ainda mais a concorrência internacional.

A fraca atração de investidores para o mercado de capitais é decorrência disso.

Convém lembrar que o saldo de ingresso de investidores estrangeiros na Bovespa é positivo, ao redor de R\$ 8,2 bilhões em 2013 (até 10/04), mas exigem reparos.

Uma parcela dessa alocação fica por conta de saídas ocorridas no final do ano anterior como decorrência de fechamentos de capital. Portanto, seria fruto de reciclagens de recursos anteriormente internados. De outra feita, também foi possível detectar operações casadas com venda de posições em mercados derivativos, reduzindo ainda mais as aplicações líquidas. Notem que o grupo de investidores estrangeiros representa hoje mais de 40% do giro diário da Bovespa, com participação fortemente cadente de pessoas físicas.

O mercado local virou mercado de “trincheira” (sai, dá um tiro e volta para a trincheira), francamente de curto prazo e sem potencial de mostrar recuperação mais consistente.

Se as sinalizações para a economia forem mais consistentes, os investimentos externos diretos (IED) começarão a voltar, assim como o fluxo para o mercado de capitais, inclusive abrindo possibilidade de IPOs (oferta inicial de ações) pulverizados.

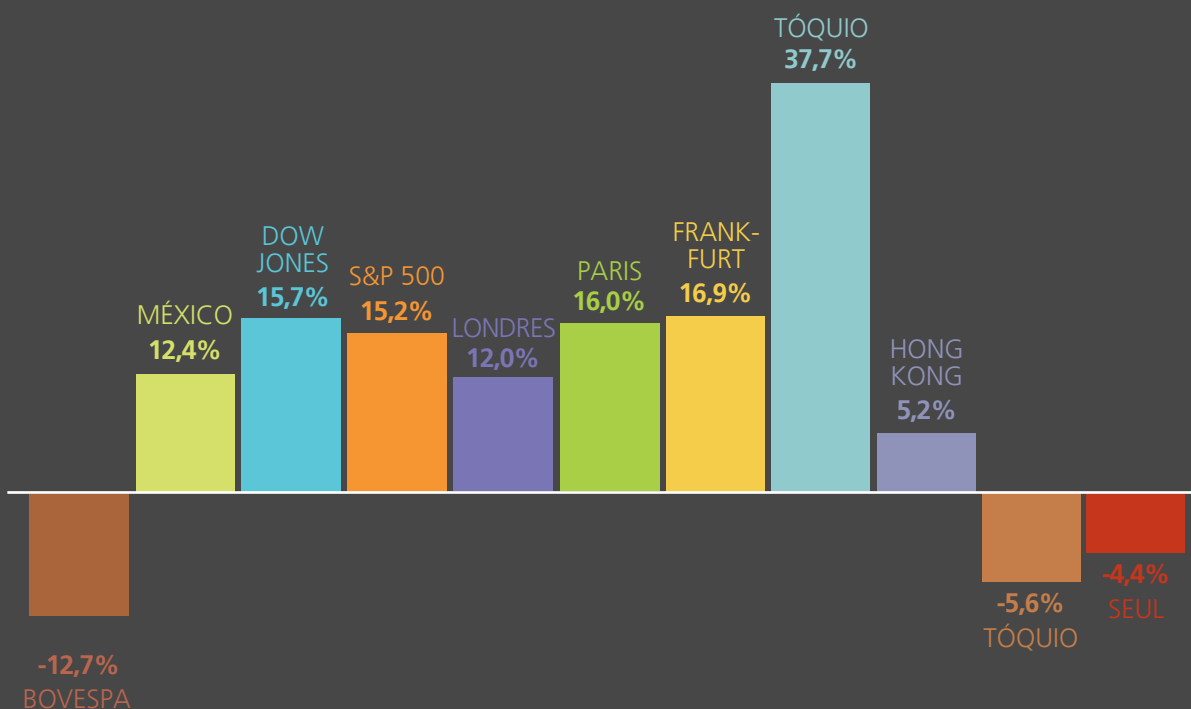


4. Por que o Brasil tem Performance Pior que Outros Mercados

Acreditamos que os motivos para a fraca performance dos mercados no Brasil comparativamente a outros já foi claramente configurada nesse texto.

Convém lembrar ainda que assusta um pouco a cultura inflacionária recente em termos econômicos e todas as mudanças pontuais proporcionadas por uma administração por susto e não por planejamento e sem preparação correta.

Comparação de performance entre os principais mercados do mundo em dólares nos últimos 12 meses até 15/04.





ÓRAMA
.com.br